

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
GRUPO DE HISTÓRIA ORAL

PROJETO INTEGRADO: “MEMÓRIA E HISTÓRIA: VISÕES DE MINAS”

ENTREVISTADORES: PROF. MICHEL LE VEN

APARECIDA MACIEL

ÉRIKA DE FARIA

MIRIAM HERMETO

ENTREVISTADO: JOSÉ DAZINHO GOMES PIMENTA

LOCAL: BELO HORIZONTE

DATA: 15/02/1996

Entrevista - fita 9 - lado A

MV: Alguém quer [] Não Então, continuação da entrevista do Dazinho. Hoje é 15 de fevereiro de 1996 e os entrevistadores são a Cida, a Miriam, a Érika e o Michel. Então, Dazinho, é... na última entrevista não saímos muito do... dos... do... de 64 mesmo, não é? Você teria mais alguma coisa a dizer sobre esse período? Acho que que de... eh... seria interessante talvez falar um pouco da... da relação sua com a família**Erro! Indicador não definido.** durante esse período, não é? E como que é... vocês foram sobrevivendo todo esse tempo e refazendo a vida, praticamente, não é?

JD: É. A minha família**Erro! Indicador não definido.** visitava uma vez por semana, na prisão que eu estava, é... ou em Neves ou aqui no DOP**Erro! Indicador não definido..** E depois quando eu fui transferido para Juiz de Fora, eu tenho uma irmã que é religiosa e elas tinham uma casa lá em Juiz de Fora e ela também trabalhava lá. Então, uma vez por mês, a minha família ia lá, ficava hospedado lá na casa das irmãs, e me visitava lá. E, nessa ocasião, estava lá, junto comigo, preso lá, o Padre Laje**Erro! Indicador não definido.,** o Bambirra**Erro! Indicador não definido.** e o compadre Chico do Nascimento**Erro! Indicador não definido..** É... nós estávamos preso lá no quartel do Exército e era um

tratamento muito hostil que a gente tinha, não é?, porque o pessoal lá parece que era todo é, bem sintonizado com o Golpe **Erro! Indicador não definido.**, então, lá a gente teve um tratamento bem hostil lá. Mas as visitas eles não cortaram não. Uma vez por mês a minha família ia lá.

AM: Iam seus irmãos também, irmãs? Ou só seus filhos?

JD: Não. Só minha mulher e os meninos, uma irmã que morava conosco. Os meus irmãos sempre moravam longe, era mais difícil. Além de tudo, morria de medo, não é?

MV: Han, han. E como que... então em 64 seus pais eram vivos? O seu pai, sua mãe, eram vivos?

JD: Não. //Meu pai...//

MV: //Já tinham morrido?//

JD: Meu pai era vivo. A minha mãe já tinha morrido há muitos anos, não é?

MV: //Sim.//

JD: //Mamãe// morreu em mil novecentos... acho que vinte e oito.

MV: Han, han. Mas a madrasta... a madrasta... a...

JD: A madrasta era viva.

MV: E como que eles receberam isso? E lá na sua cidade de origem eh/

AM: Eles também te viam como uma pessoa comunista, subversiva?

MV: Tenho impressão que sim. Não tenho muita certeza não, porque eu não os vi mais, não é?

MV: Depois você não viu mais?

JD: É.

MV: O pai?

JD: É, morreu, minha madrasta também morreu.

MV: Que ano que eles morreram?

JD: A minha madrasta morreu, acho que em 65. E o meu pai em 69.

MV: E você tinha... como deputado, quando você... Você falou isso, que tinha mais salário, não é?, você tinha comprado uma terra é...

JD: É, e eles ficaram morando lá.

MV: Han, han. E isso os aproximou mais de você? Você ia muito lá, não é?

JD: É, no... Quando eu estava trabalhando na Morro Velho eu ia todo ano, nas férias.

MV: E as família**Erro! Indicador não definido.**s grandes de... da região lá, é... Você falou dos Pimenta...

JD: Não.

MV: Não!?

JD: É dos Coelho...

AM: //Coelho.//

MV: //Coelho.//

JD: ...dos Rodrigues Coelho.

MV: Rodrigues Coelho. E []/

AM: Dos couves, não é?

JD: É o... O Coelho era.

MV: É, eles chegaram a manifestar alguma coisa, dar satisfação, ou ódio, de você ser deputado? Ou não teve muita influência lá na região?

JD: Não, não teve.

MV: Afinal das contas era um filho da terra que... que...

JD: É, mas não teve muita é... não teve muita influência não. Primeiro porque eu já tinha muitos anos que tinha vindo embora. E ia lá é... ficava lá com meu pai e tudo, não tinha muito contato, a não ser com o dono da fazenda onde o meu pai era agregado. Com o resto das pessoas, da classe... dona da cidade, eu não tinha contacto quase [nunca?], não é?

MV: É. E, e essa dona que... acho que era professora, que... que... ajudou // **JD:** Ah?// te ajudou, ela... ela...

AM: Que fez aquele jantar!

MV: Han, han.

JD: Essa sim. Que era realmente da... das família**Erro! Indicador não definido.**s ricas de lá, ela me deu todo apoio, não é?, e tudo. Ela mantinha um clima assim de aproximação.

MV: Hum, hum.

JD: Mas só ela.

AM: Você tinha um irmão também que trabalhava na mina, não é isso? Que ele até que arrumou para você na mina.

JD: É, mas ele, em 1941, ele largou a mina e foi embora lá para a roça. Foi viver lá.

AM: Hum! Ele não participava de movimento sindical //[]/?

JD: //Não.// Participava de nada. Nessa época eu estava iniciando também a minha participação, não é?

MV: Han, han. Dazinho, é... Como que você eh, analisa hoje o efeito do Golpe**Erro! Indicador não definido.** sobre o movimento sindical, a organização sindical, a presença dos cristãos e dos comunistas, é... nessa década praticamente, não é?

JD: É, eu acho que os sindicatos**Erro! Indicador não definido.** estavam crescendo muito, havia uma conscientização muito grande, e devido às conquistas que o... o... as organizações sindicais tinham conseguido, como eu já disse, não é?, décimo terceiro, salário família**Erro! Indicador não definido.**, a... a... Lei Orgânica da Previdência Social, férias de 30 dias, devido a essas conquistas, os trabalhadores estavam mais conscientes e havia realmente uma... uma aproximação muito grande dos dirigentes, os associados, os sindicatos estavam fortalecidos. E como eu falei, nós estávamos trabalhando também na criação de sindicatos rurais**Erro! Indicador não definido.**, que também estavam chegando, então, todo... todo movimento que se inicia tem assim uma força bem expressiva, não é? E nós tínhamos o apoio também... Hoje que eu lembrei da... da sigla, que... que reivindicava, que trabalhava com a reforma agrária. A SUPRA**Erro! Indicador não definido.** - Superintendência da Reforma Agrária, não é? Então, nós tínhamos apoio do delegado da SUPRA aqui, que era o João Pinheiro Neto...

MV: Esse que escreveu um livro agora, sobre JK?

JD: Ah, deve ser.

MV: Han, han.

JD: Ele... era novo nessa ocasião.

MV: Hum hum...

JD: E estava enfronhado nos movimentos, não é? É... de... transformação social, tanto é que foi designado pelo Jango**Erro! Indicador não definido.** para ser o delegado da SUPRA**Erro! Indicador não definido.** em Minas Gerais. É... nós tínhamos o apoio dele, não é?, e tudo. Ele que tinha um trabalho também muito grande iniciado na área rural e que então dava um suporte bastante é... compensador para os dirigentes, tanto faz do CGT**Erro! Indicador não definido.**, como da CNT**Erro! Indicador não definido.**, como dos próprios dirigentes locais. E eu acredito que com o Golpe**Erro! Indicador não definido.** Militar as lideranças foram desfeitas, propiciou mais adiante a criação de um novo... de um novo sindicalismo**Erro! Indicador não definido.**

MV: Han, han.

JD: Acredito que é assim um novo, por que tinha que também inventar novas modalidades, inclusive para trabalhar junto do, eh... do... da Ditadura, não é?, e... Eu vi muita gente, há uns anos atrás, criticar o movimento sindical de antes de 64, dizendo que era um movimento sindical inexpressivo. Eu não concordo de maneira nenhuma! Era muito expressivo e as maiores conquistas que hoje tem os trabalhadores foram conseguidas por esses sindicalistas, não é? Então, baseado nisso, eu acho que é uma outra época naturalmente, é um outro sindicalismo agora, com novas formas. Até porque não podia ser... passar vinte, trinta anos numa linha só. Isso não é possível! Tem que se criar realmente novas é, é... novos canais de discussão do movimento sindical, das reivindicações dos trabalhadores. Mas uma coisa é certa: hoje nós temos muito menos sindi... trabalhadores sindicalizados do que tínhamos naquela época. Os trabalhadores daquela época, eu não sei se é por causa do sofrimento que era muito maior e o pessoal estava iniciando uma... uma participação efetiva na conquista dos seus direitos, dos seus interesses, o certo é que naquela ocasião os sindicatos**Erro! Indicador não definido.** tinham maior número de associados.

MV: O que que você acha do... da ação do Vicentinho **Erro! Indicador não definido.** e do... e do... da política do governo, da... desse anti... anti-constitucionalismo que tem hoje? É... é... porque são os direitos que vocês conquistaram que estão sendo...

AM: Colocado //[]//

MV: //...colocados// em... em xeque, não é? Que que você //acha?//

JD: Bom...

MV: Hoje, você, Dazinho?

JD: Bom, eu acho o seguinte: o governo, desde quando eu me entendo por gente, eu vi governo combatendo, juntamente com as classes é... produtoras os direitos da classe operária. Quando foi proposto a primeira... primeira lei de férias para os trabalhadores, que era 15 dias, os patrões disseram que não agüentavam, que ia quebrar, que não tinha condições. Os aumentos salariais que o governo dava todo ano sob o salário mínimo, todos os patrões diziam que iam quebrar, dispensava muitos trabalhadores, então... E as firmas foram continuando e ficando mais rica, mais prósperas, e os trabalhadores cada vez mais subjugados. Então, o que eu acho é o seguinte: é que o governo, com referências às reformas, o governo está simplesmente... principalmente a reforma da Previdência, que é para diminuir custo do... da Previdência, ele devia lembrar que o governo nunca pagou a cota dele à Previdência. Por outro lado, os grandes rombos **Erro! Indicador não definido.** que estão sendo dados na Previdência não foram os trabalhadores que deram não. Foi a... pessoas ligada à classe dominante é que deu. E que... já foram descobertos os autores e ninguém está sendo é... responsabilizado para a reposição disso. Então os trabalhadores que tem que pagar essa conta? De jeito que eu não concordo de maneira nenhuma com reforma na Previdência, mesmo levando em conta que isso não me atinge, não é?, porque eu já estou virando a Serra da Boa Esperança, [risos] então ele não me atinge. Mas acontece o seguinte: quem luta só por sua causa é um egoísta. É um sujeito que não tem nem princípios. Então, a luta não é do meu interesse, é da... do interesse dos trabalhadores. Eu acho que os trabalhadores não tem que pagar essa conta. Eu acho que a discussão em torno disso que o Vicentinho **Erro! Indicador não definido.** está realmente lutando lá, eu estou de acordo que eles tem que lutar lá, discutir, mesmo sabendo que eles podem não vencer, mas eu acho que essa discussão foi boa, foi bom ter aberta, porque senão os deputados votavam lá sem a... sem ter nenhuma palavra de alguém contra. E já

houve, por exemplo, um avanço. Ontem, por exemplo, eles já votaram acabando com a aposentadoria dos deputados, não é? Então...

--?: []

JD: Pois é. Então eu acho que já houve então um avanço. Nós vamos... acho que nós vamos perder algumas coisas, mas eu não quero dizer que perdendo hoje você não possa readquirir amanhã. Porque... dentro de mais cinco anos, segundo o que eu estou vendo aí que eles estão votando, vai ser outra vez rediscutida a constituição.

MV: Hum, hum.

JD: Então, quem sabe, até lá os trabalhadores estão mais preparados, estão mais organizados e possam sustentar uma luta mais homogênea em torno dos seus direitos, não é? E... trabalhadores que adquiriram o... que adquiriram conquistas e agora estão perdendo, é... pode reformular inclusive o seu modo de ver política, de votar politicamente, porque se lá tem trezentos e oito... trezentos e vinte deputados para poder votar as propostas do governo, fomos nós que elegemos esse povo. Ainda que não seja eu ou vocês, mas somos nós no todo é que elegemos, e elegemos gente para legislar contra nós.

--?: [Ah?], é verdade.

JD: Então é possível que os trabalhadores é... continuem a ser politizados, conscientizados de que tem que votar é... em pessoas mais comprometidas com os interesses do Brasil e do povo brasileiro, do que votar num... em pessoas que estão defendendo interesses de classes lá e que normalmente são classes contra o trabalhador.

AM: Você está falando essa coisa aí do... do deputado, eu estava me lembrando, parece que anteontem o Eduardo Azeredo entregou uma proposta de pensão vitalícia para ex-governadores até doze mil reais.

MH: Hum!

MV: É, dois pesos, duas medidas. Hum, hum. Doze mil reais! Não sei se te perguntaram já aqui na... sobre o... Então você foi deputado estadual da Assembléia Legislativa **Erro! Indicador não definido.** do Estado de Minas Gerais, não é? Bambirra **Erro! Indicador não definido.** e... E foram os primeiros na história do Brasil. Operários... Hoje, quando você vê essa trajetória sua é... foi bom ter sido eleito deputado? Você... quando... Você teve a impressão de fazer alguma coisa na Assembléia Legislativa? E depois você poderia

falar também do seu contato e da sua militância no partido... no caso, no Partido dos Trabalhadores. Você foi candidato outras vezes depois. Quer dizer, um pouco o Dazinho político... e concorrendo a... a cargos eletivos e dentro de um partido.

JD: Bem, na ocasião que houve as eleições, em 62, em que eu fui candidato é... no momento em que estava sendo feita a campanha, eu pensava, e até acreditava, que a gente pudesse fazer alguma coisa. Mas depois de eleito, que eu cheguei lá dentro, eu fiquei completamente decepcionado e constrangido.

MV: Conta um pouco para nós como que era a vida lá dentro.

JD: Bem, primeiro é que os... o... as discussões lá dentro girava quase na sua maioria de interesses políticos partidários.

MV: Que era... os partidos da época...?

JD: Eram PSD**Erro! Indicador não definido.**, UDN**Erro! Indicador não definido.** e PTB, os três maiores, que detinham realmente o poder dentro da Assembléia Legislativa**Erro! Indicador não definido.** Cada um tinha lá, não... não sei, mas, pelo menos, dez ou doze deputados. E dos partidos pequeno, tinha o PR, que tinha, acho que, dois ou três; o PDC, que tinha dois... e acho que não tinha mais nenhum partido. Então, a discussão ficava na briga PSD, principalmente, e UDN, que era os dois partidos que revezavam no... no poder e no domínio no estado, e levavam de roldão o PTB, que nunca conseguiu eleger um... um governador, mas ficava a reboque do PSD ou da UDN, porque ou se elegia o governador do PSD, normalmente com o apoio do PTB, ou se elegia um governador da UDN. Então a... a... as discussões lá eram em torno dessas questiúnculas, políticas de interior, do interesse de região e zona de cada um dos deputados e tudo. Muito pouca coisa podia ser é... feito lá e assim mesmo o que era feito era em... é, regional. Era só estadual, que não atingia os trabalhadores, não tinha nada a ver com os trabalhadores, a não ser com os trabalhadores servidores públicos, que nesta época nem eu, nem o Bambirra**Erro! Indicador não definido.**, nem o Riani, não tinha nenhum motivo ou interesse para defendê-los, porque eles eram contra nós.

MV: Hum, hum.

JD: Todas as vezes que nós tínhamos uma luta de qualquer tipo, nós tínhamos todo mundo contra nós.

MV: Os funcionários do governo de... de... do estado?

JD: Do estado, é.

MV: Han, han.

JD: Então nós não tínhamos nenhum motivo para ter solidariedades com eles. Apesar de que qualquer coisa que acontecesse, nós estávamos do lado deles, mas era... não era recíproca a... a... esse trabalho. Era unilateral. Nós que tínhamos é... posições favorável a qualquer trabalhador. Mas eles não. Muito depois é... que as coisas começaram a ficar ruim demais é que os professores começaram a tomar alguma consciência // **MV:** Han, han.// e posteriormente os outros funcionários acabaram acompanhando os professores.

MV: Mas isso já na década de 80, não é?

JD: É, já na década... //na década de 80.//

AM: Mas você sentia constrangido// por quê? Por não conseguir representar sua classe?

JD: É. Você... lá você era um zero a esquerda.

MV: Mas eles demonstravam... alguém demonstrava isso, Dazinho?

JD: Todos demonstravam.

MV: Você lembra dos... alguns nomes de... desse período?

JD: Ah, lembro. O Hélio Garcia...

MV: É mesmo!?

JD: É. O Carlos Eloi, que é hoje presidente da CEMIG, não é? O Aureliano Chaves/

MV: Era todo esse pessoal!?

JD: É todo //esse pessoal.//

AM?: //[]//

JD: É. //O...//

AM: //Do mesmo jeito!//

JD: É. O Horta Pereira, já morreu, Deus que o tenha onde ele tenho ido, não é? É... Bonifácio Andrada, esse que está aí hoje ainda, não é? Bonifácio Andrada. [silêncio] Ah, eu não lembro de todo mundo assim não.

MV: Mas eles... eles conseguia marginalizar vocês?

JD: Ah, conseguia! Consequia, porque o... o que um deles pensava contra nós os outros todos pensavam, não é? Então nós éramos massacrados lá dentro.

MV: Mas vocês conseguiam propor algum projeto de lei ou...?

JD: Não. Até porque não tinha... nós não tínhamos é, como eu disse antes, interesse em propor leis lá, porque o estado não tinha nada a ver conosco, como nós não tínhamos nada a ver //com o estado.//

MV: //O estado não// tinha nada a ver com vocês.

AM: Então você, o Riani e o Bambirra**Erro! Indicador não definido.** eram... era peixes fora do aquário?

JD: É. E nós não tinha... nós até chegamos a entender que há a necessidade de eleger companheiros para isso seria... é, nós estávamos trabalhando num processo de iniciação política, // **MV:** Han?// é, esperando que mais tarde/ [tosse] que mais tarde chegassem a ter condições de nós termos lá dentro uma bancada é... mais consistente e que pudesse então aí defender os interesses dos trabalhadores.

MV: E você acha que aconteceu agora com os deputados atuais? Tem deputados estaduais, até federais... Você acha que esse sonho um pouco se realizou?

JD: É. Do ponto de vista estadual é... eu quase não posso dizer que realizou não. Mas do ponto de vista federal sim. Nós temos lá bastante deputados lá que já trabalham com uma visão é, social assim muito maior. Podem até não ser é... elementos da classe operária, porque também eles não tem condições de se eleger, não é?, por duas razões: por não ter condições de manter uma campanha, e os trabalhadores normalmente não vota em trabalhador.

MV: Han, han.

JD: Então é muito difícil ter trabalhadores lá dentro. Mas/

AM: Por que isso, Dazinho?

JD: [tosse] A vida inteira nós fomos preparados para ser dirigidos. E então nós ainda aceitamos isso, não é? É... o... os fazendeiros dominavam no interior, os industriais e o comércio dominavam na cidade, aos que tinham dinheiro para manter campanha e

colocaram sempre é... a “questã” de quem... quem tem um diploma é... é... mais competente, portanto é o que tem condições de ir para lá para legislar. Só que tem que esquecem que eles vão para lá e vão legislar em causas próprias ou dos grupos a que eles //estão ligados.//

AM: //E o trabalhador não quer ser dirigido// por outro trabalhador.

JD: ...por outro trabalhador. Ele acha que o outro trabalhador não tem condições de é... legislar em... em causa dos trabalhadores. Mas cobram muito quando os trabalhadores são dirigentes sindicais e que estão na frente das lutas recebendo toda a carga de repressão da polícia, não é?, e/

AM: Vide a trajetória política de Lula**Erro! Indicador não definido..** Cada passo que ele dá //JD: É.// tem alguém ali questionando o porquê que ele deu aquele passo, não é?

MV: Quando que você voltou a... a uma militância política mais... mais clara assim? Porque você passou a atuar mais nos bairros periféricos e na associação... nas associações de moradores, não é?

JD: É depois de 74.

MV: Depois de 74?

JD: É, quando terminou os dez anos da cassação dos meus direitos //MV: Ah, sim!// políticos, eu voltei a militar é... junto com o pessoal que estava no MDB. Então é... como nós não tínhamos condições de lançar candidatos próprios, nós apoiamos candidatos que tinham mais compromissos assim com a classe trabalhadora. E conseguimos eleger o Amorim para deputado federal e o Cássio para deputado estadual. Posteriormente o Cássio foi deputado federal e o compadre Faria para deputado estadual.

MV: Você fala “compadre” porque ele é padrinho de um de seus filhos?

JD: Eu sou padrinho de uma menina dele.

MV: Ah, bom!

JD: É.

MV: Você falou também do compadre Chico do Nascimento**Erro! Indicador não definido..**

JD: É.

MV: Quem que era o Chico do Nascimento**Erro! Indicador não definido.?**

JD: Era um... O compadre Chico era presidente da UTP - União dos Trabalhadores da Periferia**Erro! Indicador não definido..**

MV: Ah, sim, sim, sim.

JD: //E...//

MV: Ele morreu?

JD: Não, não morreu não. Mas... e então, quando nós estávamos presos, nasceu uma menina na casa dele, e ele foi, me deu para batizar, e o batizado foi feito lá no DOP**SE****Erro! Indicador não definido..**

MV: Ô!

AM: Ah, é mesmo!?

JD: É.

MH: Do Faria ou Chico?

JD: Compadre Chico.

MV: No DOP**SE****Erro! Indicador não definido.?** O // **JD:** É.// padre foi lá...

JD: Foi.

MV: Família?

JD: É. Padre José Afonso.

MV: O ...

JD: Que hoje é...

MH: Ah, como é que foi isso, Dazinho? Conta para a gente. A aceitação lá do DOP**SE****Erro! Indicador não definido.** foi boa?

JD: Não, se foi boa eu não sei, mas //eles//

MH: Deixaram.

JD: ...deixaram, não é?

MH: [riso]

MV: //E o José Afonso...//

JD: //E// o padre Zé Afonso **Erro! Indicador não definido.**, ele, nessa ocasião já estava nos visitando lá no DOPS **Erro! Indicador não definido.** assim mais é, continuamente.

MV: Esse... ele era do Carmo a... a...

JD: Não sei...

MV: Era um jovem padre!?

JD: Era jovem. E... depois ele deixou, não é?

MV: É, ele trabalha no BDMG hoje.

JD: É, casou com a Vanda, não é?

MV: Exato. Foi professora... ou é professora ainda na... na FAFICH também.

JD: Então o...

MV: É, o José Afonso, ele... ele, na época, ele tentou constituir o... o arquivo dos... dos... dos folhetos, boletins, do movimento operário, dos movimentos populares. Você lembra disso?

JD: Lembro.

MV: Han.

JD: Ele teve alguma atuação assim muito boa junto com a gente lá, sabe?, que ele dava muita força, porque //[saiu?]...//

MV: //Ah, ele vai gostar// muito de ser lembrado por você!

JD: Um padre chegar lá, numa situação daquela, e ele //[dava?]...//

MV: //E ele...// ele era novinho, não é?

JD: Muito novo.

MV: Han, han.

FIM DO LADO A DA FITA 9

Entrevista - fita 9 - lado B

MV: Fala do batizado lá no... no DOPS **Erro! Indicador não definido..**

JD: É, o compadre Chico do Nascimento **Erro! Indicador não definido..**, ele morava com uma senhora já há “muncado” de tempo, tinha alguns filhos com ela, e com ele foi preso a esposa dele estava grávida. E quando nós estávamos presos, nesse meio tempo aí, nasceu a criança [lá?] e então ele, por “questã” de tradição, não é?, que não acreditava em nada disso não, mas ele nos convidou, eu e a minha mulher, para ser padrinho da menina dele. E a gente ficou esperando, vê se saia, não é? Mas foi demorando, demorando, demorando, aí nós conversamos com o padre Zé Afonso **Erro! Indicador não definido.** e ele foi lá, conversou com a diretoria do DOPS **Erro! Indicador não definido.** lá e eles consentiram e num domingo a minha mulher veio visitar e a esposa do compadre Chico levou a menina lá também e o batizado foi feito numa das salas de... de trabalho lá do DOPS.

AM: Olha, quer dizer que // **JD:** E...// eles tiraram vocês da cela!?

JD: É. As visitas era feita fora da cela.

AM: Fora da cela, não é?

JD: Era feita na entrada ali do DOPS **Erro! Indicador não definido..**, tem um corredor lá, então... então as visita era ali.

AM: Não, mas eu estou dizendo assim, no seguinte sentido: eles arrumaram uma sala para vocês fazerem o batizado.

JD: É. E anterior ao padre... ao padre Zé Afonso **Erro! Indicador não definido..**, quem deu assim um... uma assistência muito grande foi o padre Roque, não é? Dom Roque hoje.

MV: Han, han.

AM: Han, han.

JD: É. E...

AM: É muito querido, não é?

JD: É, ele foi um baluarte, principalmente no ini... que mais no início, não é?, que a coisa era mais pesada, e ele deu uma assistência assim muito grande. Ficou sendo o capelão dos presos e ajudou muito.

MV: Ajudou principalmente na... na atenção individual ou também comungava um pouco com as idéias de vocês?

JD: Eu acho que comungava, porque ele resolveu a fazer coleta de dinheiro, roupa, remédios... tudo isso ele levava lá para nós mesmos distribuímos entre nós. Só mesmo uma pessoa que está identificada com... não é? Porque senão ele podia ir lá, dar uma assistência espiritual pró-forma e caia fora, não é?

AM: Mas... mas mesmo os policiais, Dazinho, você acredita que todos eles, aqueles que tomavam conta de vocês, isso e aquilo, você acredita que eles... é, na sua opinião, eles acreditavam piamente que vocês eram subversivos...?

JD: Acreditavam.

AM: É!?

JD: Acreditavam piamente mesmo. Tanto é que/

AM: Vocês eram um perigo para a sociedade.

JD: É!

MV: Eu posso dar um testemunho também nesse sentido. Quando veio a anistia, quer dizer é... 70, a partir de 78, não é?, é... e como professor, por exemplo, eu, pessoalmente, estranhei quando foi possível falar de classe, falar que um exilado podia voltar e se... e se...

MH: Reintegrar.

MV: ...e se reintegrar... Acho que se tinha criado na sociedade um... um fosso assim é... entre os homens bons, não é?, e então tudo que era de... de... tudo que era de esquerda. Isso era muito profundo. Então, Dazinho, acho que tem muita razão, não é? Porque era uma coisa que foi se... //se impondo.//

JD: //É.//

AM: Mas se você pensar que são vinte anos, para a história é um período...

MV: Longo. É, foi relativamente um período longo, não é? Até 80 é, só vê...

AM: //Não, mas é um período// que para você mudar uma sociedade, para você introjetar valores dentro de uma sociedade, é um período até relativamente curto.

MV: É, mas eu não sei. Pode ser também que anterior... 64 não caiu do céu também.

AM: Exatamente.

MH: Não se introjetou só a partir da...

MV: É, daí já...

MH: //Eu não sei nem se introjetou.//

MV: //[]// já tinha sentimentos é... **AM:** Mas a partir de 70 a coisa foi muito forte.

MV: É, mas é/

AM: Você pode dizer que foi...

MV: É, então lá... lá... mas lá virou ideologia, quando Médici veio, fez um discurso de um Brasil grande...

AM: Virou uma doutrina.

MV: É. A economia começou a crescer, é... é...

MH: Pois é. Mas eu não sei também se já havia uma crença semelhante.

MV: Eu... eu acho que... //que havia.//

MH: //Ah, claro!//

MV: O anticomunismo...

JD: É.

MV: O... o...

MH: //O anti-esquerdismo de maneira geral.//

MV: //No fundo... no fundo// nunca deixaram os pobres tomarem um pouco a palavra. Isso... isso é de tradição.

AM: É, porque na verdade **JD:** É.// até as escolas populares, elas serviam para quê? Para ajustar o aluno pobre a nova...

MV: É.

AM: Não para ele refletir, pensar sobre a sociedade, mas para ele simplesmente se ajustar

MV: //Han, han.//

MH: //Na realidade// já havia já uma cultura de mais distribuição de renda e...

MV: Verdade, verdade

MH: Mas eu não sei se o Golpe**Erro! Indicador não definido.** introjetou o []

MV: É. E o que o... //Ô, Dazinho []//

AM: //[]// é pouco tempo demais para você virar e... e dentro de uma sociedade inteira... muito por medo também, não é, Dazinho? Que você falou aí que sua **JD:** É.// família**Erro! Indicador não definido....** que era questão de medo. Muitas pessoas podiam até pensar o contrário, **MV:** Mas o medo...// mas tinha medo.

MV: ...o medo é ambíguo. Medo também dessas idéias, é... é... **AM:** Da repressão // ruins.

AM: ...das idéias também, não é?

MV: É, mas das próprias idéias //[]//

AM: //Das próprias idéias.//

MV: //Não era só da repressão.//

MH: //Do que que as suas idéias podiam ser capazes de... de...construir/

--?: //Da ideologia.//

MV: //Da ideo... É.//

MH: //...construir.//

MV: Falar de alguém, na época, é... sei lá, da... que tinha sido preso político, por exemplo, era comunista, isso era muito mal visto, mesmo nas pessoas que gostavam de você, não é?

JD: É, mesmo nas pessoas que gostavam de você. E esses, eu senti muito na pele, quando fui presidente do Sindicato. Pessoas que eram minhas amigas passaram a me evitar, quando eu fui presidente do Sindicato. E olha que **AM:** É?// eu não fui um presidente dos mais radicais não. Mas tinha posições definida mesmo em favor dos trabalhadores. Não admitia de maneira nenhuma qualquer dúvida com referência a isso. Então, baseado nisso, a... a ideologia do anticomunismo era aí... ela era passada para as pessoas, que todo mundo que não rezasse na cartilha deles era comunista.

MV: É.

AM: Então é... foi um período que vocês não tinham livre pensamento de nada, não é?

JD: Não, podia até ter mas...

EF: Pensamento tinha, não tinha era expressão.

JD: É.

EF/JD: [riso]

MV: //Mesmo nos...//

AM: //Podia pensar, não podia falar.//

MV: //... nos// próprios meios católicos não tinha os círculos operários?

JD: É.

MV: É... que... que são velhos, que tinha até 20, 30 anos de existência e que era o... o anticomunismo a base da... da... dos círculos operários, que círculos operários cristãos, não é?

JD: É. Inclusive quem dirigia lá era um padre.

MV: []

JD: [Dario? / Ari?] de Freitas.

AM: //An...//

MV: //Agora...// Sim.

AM: Uma curiosidade que eu tenho... Mesmo você estando preso e tal tal, como é que ficou o seu sindicato?

JD: Bem, o Sindicato foi des... desmoronado, não é?, porque eles fizeram intervenção em todos os sindicatos **Erro! Indicador não definido.** que tinham atuação é, mais...

AM: Expressiva.

JD: ...mais expressiva, mais contundente, eles interviam neles, não é? Indicaram interventor **Erro! Indicador não definido.**es que eram da confiança da empresa.

AM: Hum, hum.

JD: Não era nem da confiança do... dos militares não. Os militares pedia a empresa para indicar o... quem ela confiava, para ser diretor. Essas pessoas já tinham também posições definidas na empresa. Eram anti-trabalhadores e eram defensores intransigentes da empresa

AM: ...também mais...

JD: ...com essa... Não, às vezes não.

AM: É.

JD: Com essa designação para interventor**Erro! Indicador não definido.** lá no Sindicato, eles então aí se acharam realmente...

MV: Quem... quem que foi nomeado interventor**Erro! Indicador não definido.** lá em Nova Lima?

JD: Para presidente foi um rapaz chamado Ernani Pessoa**Erro! Indicador não definido..**

MV: Você já conhecia ele?

JD: Demais, uai! Nós trabalhávamos junto dentro da mina.

MV: Mas... Ah, sim, **JD:** É.// era trabalhador.

JD: É. E... Os outros cargos, secretário e tesoureiro, eu não me lembro quem não... Mas o presidente era o Ernani Pessoa**Erro! Indicador não definido..**

MV: Era uma... ele tinha pré-disposição a ser um bom servidor do Golpe**Erro! Indicador não definido.?**

JD: É, ele tinha todas as... as pré-condições que eles exigiam, não é? Inclusive tinha... já tinha uma... uma certa animosidade comigo, porque ele era funcionário na... fora das horas de trabalho da Morro Velho, ele era funcionário da Minas Brasil, que era a companhia de seguros, que mantinha os seguros lá. E como eu fui é... casei as companhias de seguro e fiz voltar o seguro de acidente para o Ministério do Trabalho ou a Previdência Social, que era, na ocasião, responsável, não é?, o IAPETEC**Erro! Indicador não definido.,** então ele perdeu essa boca, e ficou meu inimigo.

MV: Como que era isso, Dazinho?

JD: A... a... a lei de aci... de seguro de acidente de trabalho, ela era de obrigatoriedade do Ministério do Trabalho, através da Previdência Social. Naquela ocasião não era INPS não. Tinha institutos por categoria.

MV: Exato

JD: O nosso era o IAPETEC **Erro! Indicador não definido..** Trabalhadores de transporte, porque mineração significa transporte. E então a lei que criou a... o seguro de acidente do trabalho designou que cada instituto era responsável pelo seguro de acidente da sua categoria. Mas como isso era uma inovação, estava sendo criado, o pessoal não tinha prática disso e tinha dificuldades, então o próprio... o... as companhias de seguro pressionaram e fizeram com que o governo abrisse a mão. Até que os institutos se preparassem para assumir o seguro, que as companhias particulares podiam fazer os seguros. Só que tem que tem que eles já tinham vinte ou vinte e tantos anos e eles nunca mexeram nisso, porque as companhias de seguro é muito poderosas, não é?, e tudo, e tinha muito interesse em manter o seguro de acidente. E eu, devido problema da silicose, que tinha problemas na Justiça constantemente, e quando as vezes o processo acabava de ser julgado, chegava na instância final, já tinha morrido o titular, às vezes até morrido o... os herdeiros, então ficava perdido aquilo. Quando fui eleito presidente do Sindicato, a minha luta maior foi em voltar o seguro de acidente para o instituto, porque o instituto não indenizava os trabalhadores não, mas pagava um adicional a eles pela vida inteira na aposentadoria, enquanto eles fossem aposentados. E se eles não fossem aposentados, eles recebiam também uma percentagem por mês, se ele tivesse adquirido a silicose e fosse comprovado, ele recebia do instituto uma quantia, uma percentagem por mês, que melhorava o salário dele. Bom, mas antes de conseguir voltar o seguro de acidente para o IAPETEC as companhias de seguro mantinha lá alguns... alguns operários, alguns trabalhadores a serviço dela.

MV: Han!

JD: E esse Ernani era um deles. Então, como a companhia seguradora perdeu o seguro, ele perdeu também essa boca.

MV: Então, havia já uma espécie de previdência privada já?

JD: É.

[silêncio]

JD: [tosse] É...

[silêncio]

AM: E aí ele... ele assumiu?

JD: Assumiu. E assumiu nas modalidades da empresa, não é?

MV: Que que eles passaram a fazer como ação sindical?

JD: Nada.

MV: Nada? Mas como?

JD: //Simplesmente aquelas...// aquilo que não tinha muito jeito, não é? Por exemplo, reclamações trabalhista na Justiça do Trabalho, o... os trabalhadores iam lá, reclamavam diretamente com o advogado, o advogado entrava na Justiça, então a cobertura que o Sindicato dava... o advogado ia lá na Justiça nos dias de reclamação... E o nosso advogado era muito bom! De esquerda, muito correto. Não foi cassado, então ele continuou a dar assistência. Naturalmente manteve uma certa... um certo... um pouco de distanciamento, sem ser muito radical, não é?, e tudo, para não prejudicar ele também. Eu acho que foi até muito bom, porque ele fez um trabalho muito bom, com o Sindicato sob intervenção, o trabalho dele foi muito bom.

AM: E toda aquela organização que vocês tinham até então, //JD: Foi...// cooperativas...

JD: Tudo foi derrubado.

AM: Tudo?

JD: É.

[silêncio]

AM: Só ficou uma fachada, Dazinho? Um sindicato de fachada? Pode-se dizer assim?

JD: É, naquele tempo foi. Depois, posteriormente, quando acabou o período de intervenção, que/

AM: Acabou como?

JD: Não lembro bem não. ...que se permitiu as eleições...

AM: Hum?

JD: [tosse] ...se permitiu as eleições livre para o Sindicato, começou um novo período. O... os companheiro que foram eleito até eram companheiros razoáveis, lutadores, mas o Sindicato já tinha...

AM: Perdido completamente seu...

JD: É... ou a sua... a sua essência.

AM: Hum, hum.

[silêncio]

JD: Ah.

AM: E essa essência, você acha que... hoje, você analisa que essa essência foi derrubada é, é, com muita opressão, não é?, com esses mecanismos que você falou aí, intervenção de... de pessoas... é... de estrita confiança do pessoal da companhia. E o “restô”... é, é... eles tiraram mesmo de... do, do... do meio de contato com o Sindicato todo aqueles que faziam parte dessa essência?

JD: Não, eles não ti... mesmo que não tivessem tirado... essas pessoas, assim como eu, já era pessoas que tinha estabilidade, vinte, trinta anos de serviço. Que acabam, morrem ou vão aposentando.

AM: Hum, hum.

JD: Então foi chegando novas pessoas, não é?, que podiam ter notícia do Sindicato, mas não participaram de lutas nenhuma, não é? Não tinha nenhuma... é... espírito assim de luta, principalmente que todos eles estavam sendo criados no período mais de perseguição da Ditadura em cima dos trabalhadores e dos seus representantes, não é? Então [] vai... vai ter que criar uma nova... uma nova mentalidade de luta dentro dos moldes que estão... Como acabou a estabilidade no emprego, as pessoas também tem medo de perder o emprego e a... se luta, luta uma luta assim mais... // **AM:** Surda, não é?// mais suave, não é?, sem...

AM: Então esse Sindicato, tão bem organizado, as direções... é... foram presas, cassadas, saíram... é... e não deixaram legado nenhum.

JD: É/

AM: Completamente desbaratinadas.

JD: É, porque os que ficaram foram também tolhidos, não é?

AM: [É?] importante isso.

[silêncio]

MV: Houve alguma organização das mulheres que continuou? Eh...

JD: //Não.//

MV: //Na// cidade //ou []...?//

JD: //La tinha...// tinha o... uma organização de mulheres até ligado ao Sindicato, //**MV:**
Hum!// mas que também, na ocasião, foi desbaratada.

MV: Então foi uma espécie de... porque... quando... Você fala que foi um golpe, golpe dá a impressão que foi... é... veio, bateu forte e... e acabou, não é? Mas então é... esse golpe mudou a história de Nova Lima e...

JD: //Mudou.// Mudou.

MV: Isso te... É, como que você vê isso? Você que construiu a história de Nova Lima, praticamente não é?, com outros.

JD: Bom, é muito doloroso, não é? Você perceber que uma classe sofrida, uma classe de toda dificuldade, de... uma classe que tem trabalho muito pesado, muito perigoso e que é também responsável pela saúde de todos os trabalhadores que trabalham na mina, não é?, porque todos adquire silicose, então essa... essa insalubridade que tem lá, ela, na ocasião, unia... Eu tenho impressão que esse sofrimento, essas dificuldades, todas essas coisas, unia muito os trabalhadores na luta. Na medida em que isso foi sendo “dilapidado” através de... da... da empresa, e aí a convivência dos interventores **Erro! Indicador não definido.** no Sindicato, foi perdendo... o Sindicato foi perdendo a sua... a sua combatividade de luta e tudo, foi ficando mais é... mais sujeito às injunções da empresa dentro dele e nós, os antigos, os aposentados, que ainda estamos vivos sofremos com isso. Aqui me visita um companheiro que foi da minha chapa na diretoria do Sindicato. Ele me visita aí, de mês em mês ele aparece aqui.

MV: Então é um fiel, não é? Desde 60... vai para 30 anos então, mais de 30 anos.

JD: É. E ele, quando chega aqui, eu... eu sinto nele aquela... aquela... Como é que eu diria? Eu sinto nele aquele desalento, e o sofrimento que eu vejo no rosto dele, quando a gente fica

lembrando das lutas que teve lá, das coisas que a gente conseguiu... Até das que não conseguimos, mas que lutamos por elas, não é?

--?: Como ele chama?

JD: Ele chama Raimundo de Freitas.

--?: Raimundo de Freitas.

JD: É. É, então, ele vem aqui todo mês me visitar. É... é uma dor, que a gente sente internamente... Mas engraçado, eu não sinto só pelos trabalhadores de Nova Lima não. Quando eu vejo aí oh... por exemplo, o Sindicato dos Rodoviários aí, pelejando para... para melhorar as condições dos trabalhador, um elo assim tão importante, que podia determinar as suas vontades, não é?, e tudo, é... pressionando mais os patrões, por causa das condições de trabalho deles, são muito ruim... O salário até não sei não. Mas as condições de trabalho são péssimas! Vir... Ir e voltar nessas... nesse trânsito ruim, perigoso, cheio de problemas, não é?, com calor imenso, condições de trabalho violenta, no entanto os traba... Estou vendo aí, o presidente do Sindicato ontem, coitado, sendo entrevistado ali, completo desânimo que você vê na feição do sujeito, porque os trabalhadores simplesmente não... não sentem na carne aquilo que eles deveriam sentir. Porque ali ele não está... não... sindicato não está defendendo não é o nome do sindicato não.

MV: Han, han.

JD: Está defendendo é a vida, a carne do assegurado.

MV: Dazinho, é... é... Você chegou... o pessoal chegava a pensar assim de... no final das contas vocês produziam ouro, não é? E o trabalho concreto, um trabalho muito duro, muito sujo, muito... [lá?] nenhuma idéia de ouro. E esse ouro vai para fazer alianças, é... é... coisas de igreja, coisa... Vocês tinham alguma reflexão em torno disso? Sobre a relação entre esse trabalho tão... tão miserável, não é?, e o ouro?

JD: Não, a gente não chegou a isso não.

MV: Não tinha é...?

JD: Não chegamos a esse estágio não. É... como eu já falei, nós éramos, assim de certa forma, a maioria dos trabalhadores lá, e que assumia o Sindicato, era muito atrasados. Então, o

nosso... a nossa disposição, a nossa luta não passava muito dos interesses dos trabalhadores com melhoria de condições de vida, //a melhoria de salário...//

AM: Coisas básicas, não é?

JD: É, o ou... É, o básico. A sobrevivência.

MH: Mas internamente, em cada um, não passava isso pela cabeça?

JD: É possível que passasse, em alguns casos se discutia, mas era coisa assim tão distante dos trabalhadores/

MV: Todo mês sai de Nova Lima barras... barras de ouro, não é? Eu não lembro bem se é tre... Você lembra quantos quilos por mês?

JD: Segundo eles, 450 quilos.

MV: Então, é muito ouro! E muita silicose, ao mesmo tempo, não é?

JD: //É.//

AM: //Mas, Dazinho,// vocês chegavam a sentir algum tipo de orgulho, de... de... disso aí que eles estão falando?

JD: //Não, orgulho não.//

MV: //[]//

JD: //É.//

AM: Orgulho de ser cidade vermelha, // **JD:** Não.// orgulho...?

JD: Não, nem de uma coisa nem de outra. Aliás, de cidade vermelha nós tínhamos... nem gostávamos que fosse falado isso.

AM: Mesmo?

JD: Porque... é... depunha muito contra os trabalhadores, não é?

AM: É?

JD: A maioria da cidade era... era contra. Mesmo quem não era vermelho era classificado, então/

AM: Então, vocês não gostavam //de serem denominados...

JD: //Ninguém gostava...// É. Ninguém gostava.

AM: ...cidade vermelha?

JD: É.

AM: E é ícone que Nova Lima foi conhecida muito... por muito tempo como a cidade vermelha, não é?

MV: Era. Santos era o porto vermelho e Nova Lima, a cidade...

JD: É.

AM: //É.//

MV: //é...// a cidade vermelha. Mas vocês, vocês eram respeitados! Vocês fizeram // **JD:** Bom...// marcha sobre Belo Horizonte.

AM: //É...//

MV: //Vocês é...//

JD: //[]// duas vezes.

AM: //[]//

MV: //Vocês eram a... a...// a... o ABC, vocês era... era os... os... eh... a cabeça da... do movimento // **JD:** É, do movimento sindical.// operário. Han, han.

AM: E isso tudo foi silenciado, não é?

JD: É, bem... Eu já falei aqui que a história é contada a partir do interesse dos donos, não é? Então, quem é que vai querer contar a história de lutas de trabalhadores, de vidas ceifadas dos trabalhadores em todas as... em todas as categorias? Milhares e milhares de trabalhadores, durante esses 160 anos da mina de Morro Velho **Erro! Indicador não definido.**, milhares de trabalhadores morreram é... não... Não estou falando os de silicose não.

AM: Esses nem conta, não é?

JD: É, esses nem conta. ...de esmagamento, não é? Choques elétricos, é... ser derrubado no poço do elevador...

AM: E parece que não foi modernizado, não é, Dazinho? Parece que as coisas continuam do... Você tem... trabalhou lá 30 anos... Já tem uns 30 que você saiu?

JD: É.

AM: Pois é, e parece que o... as condições de trabalho do pessoal lá hoje mais ou menos...

JD: É, não são muito diferentes não.

AM: ...das condições sua...

MV: É verdade a lenda que... que certas noites, em certos dias, ouve-se choros...? É que teve um desmoronamento uma vez que aterrou 100 trabalhadores.

JD: É.

MV: É verdade essa lenda?

JD: É mentira.

--?: Não houve nada.

MV: Sim, mas é, o povo conta?

JD: É, o povo...

AM: Mas você nunca ouviu nada.

JD: Não, e trabalhei lá muitos anos e/

MV: Mas... mas a lenda existe?

JD: É, uma/

AM: Como existe a lenda também que mulher não pode entrar lá, não é?

JD: //É.//

MV: //É.//

AM: Entrou uma mulher, // **JD:** Mulher...// cria acidente.

JD: Mulher //e padre.//

MH: /Mulher e padre.//

MV: //É.//

AM: //É.// Ninguém que usa saia. Nem se a gente for de calça comprida, Dazinho?

JD: Não.

MV: Você estava falando da... da sua retomada da política no... no MDB...

--?: A fita vai acabar

MV: Está no final. Ah, sim!

--?: //Acabou.//

--?: //Obrigado.//

--?: //Vamos parar e começar na próxima //

MV: Você deu muita... muitas palestras para escolas, não é Dazinho?

MH: É melhor, porque está acabando.

JD: Sim.

MH: //[]//

MV: //Depois a gente...// A gente podia...

FIM DO LADO B DA FITA 9

A	L
Assembléia Legislativa, 7; 8	Lula, 11
B	M
Bambirra, <i>Sinval</i> , 1; 7; 8; 10	Mina de Morro Velho, 26
C	N
CGT, 5	Novo sindicalismo, 5
Chico do Nascimento, 1; 11; 14	
CNTI, 5	P
D	Padre Laje, 1
DOPS, 1; 11; 12; 14	Padre Zé Afonso, 12; 14
	PSD, 8
E	R
Ernani Pessoa, 19	Rombos na Previdência Social, 6
F	S
Família, 1; 3; 4; 17	Sindicatos, 4; 5; 18
	Sindicatos rurais, 4
	SUPRA, 4; 5
G	U
Golpe de 64, 1; 4; 5; 17; 19	UDN, 8
I	UTP - <i>União dos Trabalhadores da Periferia</i> , 11
IAPETEC, 19; 20	
Interventor nos Sindicatos, 18; 19; 23	V
J	Vicentinho , <i>Vicente Paulo da Silva</i> , 5; 6
João Goulart, 5	